



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: REFLEXÕES TEÓRICAS

Crislane da Silva Oliveira\*\*\*\*\*  
(UESB)

Andrecksaviana Oliveira Sampaio\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância das representações sociais no ensino de Geografia e sua contribuição para o trabalho do professor. Para tanto, foi feito um embasamento teórico fundamentado em autores e obras voltadas o ensino de Geografia e as representações sociais, tais como: Mendes (2011), Cosgrove (1998), Gil Filho (2005), Jodelet (1988), Lima *et al* (2002), Vlach (1989), Cavalcanti (2002), Moraes (1989) e Pontuschka *et al* (2007). Compreende-se que as representações sociais se manifestam através das diferentes formas de linguagem. Partiu-se então do pressuposto de que o professor de Geografia em sala de aula não trabalha somente com o conhecimento científico, mas com diversos conhecimentos do senso comum. Assim, a representação social está intrinsecamente ligada ao ensino de Geografia, vinculada às práticas pedagógicas no âmbito escolar.

**PALAVRAS CHAVES:** Cotidiano Escolar, Ensino de Geografia, Representações Sociais.

---

\*\*\*\*\*Licencianda do curso de Licenciatura Plena em Geografia da UESB, Bolsista de Iniciação à Docência do Programa de Iniciação à Docência – PIBID, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, crisoliveirageo@gmail.com

\*\*Doutora em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Espaço, Memória e Representações Sociais, CNPq, Orientadora da pesquisa em andamento intitulada: A Formação Docente e as concepções dos professores e alunos do curso de Licenciatura em Geografia na UESB, viladea@yahoo.com.br



## INTRODUÇÃO

As representações sociais são imbricadas ao cotidiano dos sujeitos, no âmbito da educação e tornam-se especialmente significativas. Mendes (2011), em seus estudos, assinala a importância dos coletivos sociais, no *constructo* social dessa categoria.

Mendes afirma:

[...] o nosso cotidiano é atravessado por uma multiplicidade de ações e vozes que instituem representações sociais partilhadas por determinados grupos, assim, é inegável que as representações sociais são elaboradas no âmbito dos fenômenos comunicacionais. A comunicação social seria, portanto, responsável pelo modo como se forjam essas representações (MENDES, 2011, p.10).

Nessa perspectiva, Cosgrove (1998, p. 5) enfatiza ainda que “[...] toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação.”

A Geografia das Representações, numa abordagem da Geografia Cultural-Humanista, é de grande importância para as pesquisas geográficas, pois auxilia no entendimento das representações que são construídas por um grupo de sujeitos sociais. Tem-se como exemplo o ambiente escolar, quando se utiliza os mapas, como suporte metodológico.

Desde as épocas mais remotas, as sociedades se expressam através de seus espaços vividos por meio de representações, que estiveram sempre impregnadas aos valores provenientes de sua própria cultura. Dessa forma, se instituíam como formas de linguagem das diversas civilizações.

Após o desenvolvimento tecnológico, as formas como a sociedade se expressava no espaço foram se modificando, e ao final do século XVII, há uma valorização da dimensão cartográfica nas representações geográficas.

Para Gil Filho (2005), a Geografia das Representações torna-se um conhecimento simbólico e a imagem que também é uma forma de linguagem, à medida que transcende



o limite de si mesma, se transforma em representação, ou seja em expressão concreta. Nesse sentido, o autor afirma:

A 'Geografia da Representações é uma Geografia do conhecimento simbólico. Assume as representações sociais como ponto de partida para uma Geografia Cultural do mundo banal, da cultura cotidiana, do universo consensual impactado pelo universo retificado da ciência e da política' (GIL FILHO, 2005).

Segundo Jodelet, as representações sociais:

[...] se constituem numa forma de conhecimento, que é socialmente elaborado e partilhado, possui uma visão crítica e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, 1988, p.05).

Para Mendes (2011), as representações sociais podem ser entendidas como fenômenos socialmente construídos, de forma que não podem ser vistas fora de uma perspectiva de interpenetração recíproca, formando uma complexa rede de relações que se manifestam nas atitudes, comportamentos e apreensões individuais e coletivas. Nesse sentido, o termo representação está interligado a outras categorias como: cultura, símbolos, crenças, valores, visão de mundo entre outras categorias.

Portanto, as representações sociais não se constroem no vazio social, pois existe toda uma estrutura, na medida em que vão se materializando as ideias envolvidas aos símbolos. Nesta direção, Mendes (2011) pontua:

As representações sociais estão intimamente associadas a símbolos e que a criação de símbolos não é arbitrária, não se faz no vazio. Existe portanto, no mundo das ideias, dos discursos e dos ritos, todo um processo que revela a visão de mundo de determinado momento. A medida que essas ideias materializadas em discursos, símbolos e ritos alcançam uma *eficácia social*, elas contribuem para a construção de representações sociais por determinado grupo ou sociedade (MENDES, 2011, p.11).



As representações sociais se constituem como uma das principais abordagens para a análise e interpretação do que é produzido pelos grupos sociais, tendo como exemplo os mapas mentais. Dessa forma, as representações se inserem nas análises geográficas da Geografia Humana, na medida em que ocorre a conscientização dos aspectos subjetivos analisados nos discursos e práticas socioespaciais.

### **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA**

A ciência geográfica, necessita ser transmitida de modo apropriado, a fim de que sejam reproduzidos os conhecimentos construídos culturalmente pela sociedade, trazendo possibilidades de reconstrução contínua tanto pelo aluno quanto pelo professor, no ambiente escolar.

No ensino de Geografia, dependendo da metodologia utilizada por alguns professores, os conteúdos acabam não tendo relação com a vida cotidiana dos alunos, o que ocasiona a repetição, impossibilitando a criação e recriação. Nesse sentido é importante conhecer o espaço geográfico e as relações que ocorrem, de modo a compreender o papel da sociedade na construção desse espaço.

A prática e postura de alguns professores de Geografia, em sua maioria estão relacionadas a sua historicidade e a uma crise epistemológica, causada pela divisão entre a Geografia Humana e a Geografia Física. Dessa forma, cabe ao professor desconstruir essa fragmentação existente e assim intervir no processo de ensino e aprendizagem além de compreender o espaço geográfico uma extensão humana e física.

Compete ao profissional da Geografia entender que os problemas relativos ao âmbito escolar estão ligados as dificuldades que o homem enfrenta na sociedade, e tentar estabelecer uma ligação direta entre o que se ensina e o que se aprende. Lima *et al.* (2002), apresenta que os conteúdos trabalhados nos cursos de graduação devem



estar voltados para a prática e a teoria da disciplina Geografia. Nesse viés, Lima et al. (2002), afirmam:

Os conteúdos trabalhados nos cursos de graduação em Geografia são necessários para o reconhecimento e organização dessa área acadêmica, mas não basta dominar conceitos teóricos, é preciso refletir sobre as concepções pedagógicas que permeiam a relação teórica e prática, revendo a didática e a metodologia que instrumentalizam esses trabalhos para o exercício da profissão docente (LIMA *et al.*, 2002, p.46).

Assim, cabe ao ser humano enquanto profissional, saber relacionar e interagir com as outras áreas do conhecimento, buscando uma postura interdisciplinar, auxiliando nas atividades do espaço escolar. Nessa perspectiva, Vlach (1989) expõe:

Ensinar é, antes de mais nada, o trabalho do aluno com o saber sob a mediação do professor. O ensino de Geografia possibilita ao aluno a compreensão da realidade, entendendo que esta é uma construção social sobre a natureza; uma construção internamente diferenciada, não podendo essa diferenciação interna ser mascarada (VLACH, 1989, p.47).

Deste modo, se faz necessário repensar sobre o ensino de Geografia, no qual precisa se contextualizar com o espaço escolar, levando em conta questões que permeiam a vida do ser humano e modificam seu espaço vivido, interferindo nas relações cotidianas, construindo valores e transformando culturas, para que assim a atuação prática em sala de aula possa condizer com o saber adquirido na universidade.

Para Lima *et al.* (2002), compete a ciência geográfica interpretar o espaço social, através do ponto de vista humano, explicando sempre as questões sociais que os envolvem. Nessa abordagem, Lima *et al.* (2002) afirma

[...] a Geografia é fundamental para o entendimento das questões sociais, sendo necessária uma relação com outras ciências que possuem como categoria de análise a sociedade. Assim, a Geografia poderá



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

contribuir para o entendimento e intervenção a realidade concreta, construída e (re) construída pelos sujeitos históricos (LIMA *et al.*, 2002, p.48).

As abordagens teóricas delineadas se tornam muito significativas no âmbito do ensino de Geografia. Nas últimas décadas do século XX, o ensino de Geografia foi alvo de diversas discussões, sobretudo na dificuldade de se romper com a Geografia tradicional e de repensar o seu papel na sociedade. Nesse sentido, Cavalcanti afirma:

Particularmente, a Geografia escolar tem procurado pensar o seu papel nessa sociedade em mudança, indicando novos conteúdos, reafirmando outros, reatualizando alguns outros, questionando métodos convencionais, postulando novos métodos (CAVALCANTI, 2002, p.11).

Essas questões remetem as especificidades de uma nova concepção de ensino de Geografia, numa perspectiva crítica, em que os conteúdos ensinados precisam ter relação com as vivências e o cotidiano dos alunos, assim a aprendizagem passa a fazer sentido. Desse modo, o objetivo primordial da Geografia lecionada nas salas de aulas é instigar no aluno a consciência espacial da realidade que eles vivenciam. Cavalcanti ainda ressalta:

O trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam, diretamente ou não, como parte da história social. (CAVALCANTI, 2002, p.12 -13).

Dessa forma, se faz importante refletir sobre a construção de conhecimentos geográficos, na escola, no qual traz a importância da Geografia para a vida dos alunos. Para estudiosos da prática de ensino o papel da Geografia é prover bases e meios de



desenvolvimento e ampliação da capacidade dos alunos de apreensão da realidade sob o ponto de vista da espacialidade, compreendendo o papel do espaço nas práticas sociais, atuando na configuração do espaço.

O ensino de Geografia se insere, no momento em que ocorrem transformações na sociedade e também de sua dinâmica espacial. A Geografia como disciplina escolar teve início no século XX, com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico.

Após o Movimento de Renovação, na década de 1970-1980, denominado “Geografia Crítica” que ficou marcado por um período de mudanças significativas tanto para as propostas de pesquisas quanto para o ensino, nota-se que a Geografia busca o seu papel na sociedade.

Algumas propostas de reformulações no campo da Geografia, trouxeram a possibilidade da Ciência e também da prática de ensino de cumprirem papéis politicamente voltados para aos interesses das classes populares. Surge então, a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como ponto de partida para o estudo do espaço geográfico. Nessa perspectiva, Cavalcanti (1998) afirma:

O ensino de Geografia, assim, não se deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições (CAVALCANTI, 1998, p.20).

No Brasil, o movimento de renovação do ensino de Geografia, dos últimos 30 anos, abriu espaços para debates científicos (encontros e congressos nacionais, regionais e locais), discussões e divulgações de novas propostas, através da produção de trabalhos dedicados ao tema “Ensino de Geografia”, e para a produção de livros didáticos que buscavam discutir tais propostas.



Ainda sobre o movimento de renovação de Geografia, duas questões merecem destaque, a primeira questão traz a importância de se incorporar as novas propostas teóricas da Geografia nas salas de aula. Um dos problemas dessa incorporação, está relacionada à pouca difusão dessas propostas entre os professores tanto do ensino fundamental, quanto do médio. Na maioria das vezes, as condições precárias do trabalho nas escolas dificultam o investimento (objetivo e subjetivo) dos professores no seu crescimento intelectual, além da fragilidade dos programas de capacitação desses professores, e, em parte por falta de divulgação das análises e propostas produzidas, no ambiente restrito das universidades.

A segunda questão, está relacionada aos aspectos pedagógico-didáticos das propostas de ensino de Geografia, no qual persiste a crença, de que para que ocorra um bom ensino, o conteúdo da matéria deve ter enfoque crítico, baseados em determinados fundamentos metodológicos dessa ciência, de forma que contribuisse para a formação de cidadãos críticos e participativos. Sobre essa questão, alguns autores demonstram uma preocupação com a questão pedagógica no ensino de Geografia. A partir dessa preocupação, Moraes (1989) alerta:

[...] é mister gerar um esforço de traduzir pedagogicamente as novas propostas e os novos discursos desenvolvidos pela Geografia (...) aproximar teoria e prática no plano do ensino de Geografia, estimulando uma reflexão pedagógica que assimile os avanços teóricos da Geografia nas últimas décadas (MORAES, 1989, p.122).

A ciência geográfica, como disciplina escolar, contribui para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica.

No Brasil, as atuais abordagens do conhecimento geográfico, foram influenciadas pela escola de Vidal de La Blache até a contemporaneidade. Muitos pesquisadores se orientam teoricamente e metodologicamente enfatizando as correntes do





neopositivismo, outros, se norteiam por correntes humanísticas e psicológicas da Geografia tais como a percepção, a fenomenologia, e outros ainda, pela corrente do materialismo histórico e dialético. A identificação com essas correntes permite esclarecer as ações educativas no desenvolvimento da espacialidade dos professores e alunos, considerando a multiplicidade de concepções acerca da Geografia e de seu ensino (PONTUSCHKA, 2007).

Na educação, conteúdo e método embora distintos, não existem um sem o outro. Decidir por qual método utilizar, incide de modo diferente no desenvolvimento do pensamento e do raciocínio do aluno, levando-o a ter concepções diferentes em sua formação social.

Pontuschka *et al.* (2007), traz em suas discussões que muitas das linguagens e tecnologias atuais, pouco penetram as salas de aula. Para a autora, essa questão deve ser trabalhada com uma certa urgência, a fim de que os professores possam utilizá-las de forma crítica em suas práticas na sala de aula, e apresenta a cartografia não simplesmente como uma disciplina escolar, que ajuda no desenvolvimento da noção espacial, mas como representação e linguagem. De tal modo, que permita ao aluno fazer a leitura do espaço tanto na escala global como na escala mundial. Dessa forma, Pontuschka *et al.* (2007) afirma

Na formação de professores e alunos, é essencial o domínio da leitura do espaço por meio de observação espontânea e dirigida, das entrevistas, da produção de registros e da pesquisa em variadas fontes, nas realidades locais concretas do bairro ou de cidades. Tais procedimentos constituem pontos de partida e chegada, nos quais se constroem os parâmetros reais para a compreensão de espaços de espaços locais e de regiões bem mais distantes (PONTUSCHKA *et al.*, 2007, p.39).

Enquanto os licenciandos das universidades públicas, participavam de debates sobre as diferentes tendências da Geografia, produzidas nas universidades, e que posteriormente influenciavam no ensino fundamental e médio. Nas décadas de 1980 e



1990, professores tinham à disposição as variadas produções sobre o ensino da disciplina Geografia.

As Secretarias de Educação no Brasil, em suas propostas curriculares de Geografia trazia um convênio entre o primeiro grau com as universidades, organizando cursos para a capacitação docente, assim, possibilitando o acesso às diferentes metodologias ligadas aos movimentos de renovação do ensino da disciplina. Entretanto, mesmo com esses esforços, o processo de mudança no ensino em sala de aula permanecia lento.

Pontuschka (2007), baseando-se em pesquisas realizadas com professores, atribui a impossibilidade de mudanças às precárias condições de trabalho oferecidas pelas escolas, a elevada carga horaria que se viam obrigados a cumprir e ao grande número de alunos em sala de aula. Nessa mesma perspectiva, a autora pontua:

Os salários não condiziam com a necessidade de sobrevivência do professor e de sua continua atualização para o exercício consciente da docência. Ainda hoje, há aqueles que permanecem à margem das discussões ou porque trabalham em escolas particulares ou à noite, com uma profissão diferente durante o dia, ou porque são especialistas de outras disciplinas, mas lecionam Geografia (PONTUSCHKA *et al.*, 2007, p.67).

A década de 1980, tem o seu destaque pela produção de livros didáticos de melhor qualidade e de inúmeros títulos paradidáticos, com base no ensino e na formação docente e pelo movimento de reorientação curricular no primeiro grau proposto pelas Secretárias de Educação.

Na mesma década, a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) promoveu diversos encontros com o objetivo de refletir sobre o ensino e incentivar a produção de artigos sobre esse tema.

Os debates, as discussões e as diferentes produções tinham como objetivo central, descobrir meios para minimizar a compartimentalização dos conteúdos escolares e a



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

distância do ensino de Geografia com a realidade social, política e econômica do País. Nesse sentido, Pontuschka *et al.* (2007) expõe

O movimento de renovação do ensino da Geografia nas escolas fez parte do chamado movimento de renovação curricular dos anos 80, cujos esforços estavam centrados na melhoria da qualidade de ensino, a qual, necessariamente, passava por uma revisão dos conteúdos e das formas de ensinar e aprender as diferentes disciplinas dos currículos da escola básica (PONTUSCHKA *et al.*, 2007, p.68).

Assim, os conhecimentos geográficos se configuram como fundamentais no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que ultrapassam a mera descrição, contribuindo para o efetivo conhecimento do espaço, em suas diversas instâncias. Cavalcanti (2002, p.14) destaca assim a “necessidade de ir além da descrição de aspectos (da estrutura padrão) dos lugares e buscar sua significação – para isso são necessárias referências teóricas, conceituais”.

### CONCLUSÕES

As representações sociais, a partir das relações com a linguagem, com a ideologia, com o imaginário social e, através do seu papel na orientação das práticas sociais, constituem meios efetivos para a análise dos mecanismos que intervêm na eficácia do processo educativo. Percebe-se que há várias formas de idealizar e abordar as representações sociais, dessa forma, as relacionar ou não ao imaginário social, é notável também que a Geografia das Representações apresenta grande importância para as pesquisas geográficas, auxiliando na compreensão dessas representações construídas por um grupo de sujeitos sociais, e assim, podem ser entendidas como fenômenos socialmente construídos coletivamente.



Portanto, é notável que a Geografia tem passado por diversas transformações ao longo do tempo, nesse contexto o professor apresenta um papel fundamental para a formação do aluno, e a Geografia vem como uma disciplina marcante para a formação de um aluno que seja ao mesmo tempo um cidadão crítico, de forma que o leve a compreender o seu meio. Assim, a Geografia enquanto disciplina escolar, contribui para que professores e alunos enriqueçam suas representações sociais e, ampliam seus conhecimentos sobre as várias dimensões da realidade social, histórica e natural.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Formação de Professores: Concepções e Práticas em Geografia**. Goiânia: Editora Vieira, 2006.

LIMA, H. G. (*et al.*). Geografia escolar: relações e representações da prática social. **Caminhos de Geografia** – Revista online programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

MENDES, G. F. **Memórias, discursos e representações sociais: um olhar para os 25 anos do Curso de Geografia da UESB**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.

MENDES, G. F. **Luzes do Saber aos sertões: memória e representações da Escola Normal de Vitória da Conquista**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2004.

MENDES, Geisa Flores. **Sertão se traz na alma: território/lugar, memória e representações sociais**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão. 2009.

PONTUSCHKA, NídiaNacib (*et al.*). **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.